

# Tomás Eloy Martínez e o testemunho de Trelew: dois perdidos numa guerra suja

**André Luis Mitidieri Pereira  
Nadson Vinícius dos Santos**  
(Universidade Estadual de Santa Cruz)

**Resumo:**

O presente texto consiste em uma análise da narrativa testemunhal *La pasión según Trelew*, de Tomás Eloy Martínez; relevante por iluminar parte da história argentina, em especial a ditadura militar (1976-1983), conhecida como “guerra suja”. Apoiado nas considerações de PENNA (2003), SANTIAGO (1978) e ZUFFI (2007), este artigo tenta mostrar o aspecto terrificante que a violência da ditadura provocou nos diversos setores da sociedade argentina.

**Palavras-chave:** Ditadura; Narrativa testemunhal; Tomás Eloy Martínez; Violência.

**Resumen:**

Este texto se trata de un análisis de la narrativa testimonial *La pasión según Trelew* de Tomás Eloy Martínez; relevante por iluminar parte de la historia argentina, en especial la dictadura militar (1976-1983), conocida como guerra sucia. Apoyado en las consideraciones de PENNA (2003), SANTIAGO (1978) e ZUFFI (2007) este artículo intenta mostrar el aspecto terrible que la violencia de la dictadura provocó en los diversos sectores de la sociedad argentina.

**Palabras-clave:** Dictadura; Narrativa testimonial; Tomás Eloy Martínez; Violencia.

Nos últimos 40 anos, vários países da América Latina assistiram a grande oferta de notações culturais sobre a violência das ditaduras que, entre as décadas de 1960 e 80 do século XX, assolaram o continente. Nessas produções, notam-se detalhes minuciosos sobre torturas, assassinatos, prisões, dentre outros artifícios terrificantes empregados pelo Estado. Por outro lado, também abordam a ação da guerrilha, de pessoas que, independentemente de suas classes sociais, entraram na luta armada contra o regime autoritário, devolvendo ao Estado a violência que recebiam; buscando mediante a força restaurar o Estado democrático de direito.

Inserido nesse conjunto, o relato testemunhal *La pasión según Trelew*, escrito pelo intelectual argentino Tomás Eloy Martínez<sup>1</sup> (Tucumán, 1934; Buenos Aires, 2010), encontrou em 1973 sua primeira publicação pela editora Granica. Aí narrados, os detalhes da operação militar que, um ano antes, ceifou a vida de 16 presos políticos, desencadeou a inquietação responsável por originar o presente trabalho. Conforme esse livro, organizações guerrilheiras, surgidas na Argentina ao final da década de 1960, tentavam, via luta armada, derrubar o regime ditatorial e reinstaurar a democracia no país. No ano de 1971, guerrilheiros aprisionados foram enviados à prisão de Rawson, cidade patagônica localizada a 20 quilômetros de Trelew. Os habitantes dessa cidade, de forma solidária, realizavam constantes visitas aos detidos, em relação pacífica até os presos empreenderem uma fuga, fato que motivou reação violenta do Estado, não só contra os guerrilheiros, mas também contra os cidadãos do lugar e suas casas. Alguns caíram presos, acusados de cooperação com o terrorismo, e os recapturados foram executados na base da Marinha.

Após o episódio, os moradores de Trelew se manifestaram contra o regime fazendo perceber uma Argentina dividida entre os agentes do Estado, preocupados em manter o *status quo* (para tanto, não hesitavam

---

1 MARTÍNEZ, Tomás Eloy. *La pasión según Trelew*. Buenos Aires: Punto de Lectura, 2007. Daqui se retiram as citações que, traduzidas ao português no corpo do presente trabalho, têm seus números de páginas indicados entre parênteses e os respectivos fragmentos do texto-fonte, reproduzidos em nota de rodapé. Na reedição do livro pela Planeta em 1997, algumas alterações na linguagem, a inserção de novos testemunhos e a supressão de documentos e discursos (no intuito de diminuir o volume de páginas) visam adequar o texto ao gosto do leitor do novo momento histórico. Tais mudanças se mantêm no livro ora utilizado, que reproduz a edição publicada pela Aguilar em 2004, considerada definitiva pelo autor (cf. MARTÍNEZ, 2006, p. 411).

no uso da força) e a população civil que, insatisfeita com o regime, também de forma violenta visava a construir uma sociedade mais democrática. Não há somente uma guerra física, mas também ideológica, política e, sobretudo, discursiva. O governo militar possuía o controle sobre a imprensa, a publicação de livros e, em muitos casos, sobre o que as pessoas poderiam conversar. Esse aparato lhe permitia filtrar os textos que chegavam à opinião pública e forjar a história daquele período. Discursos considerados subversivos se espalhavam de modo subalterno pelo país, através de pasquins, panfletos, folhetos e cartas, mostrando a outra face da verdade, que a literatura de testemunho trouxe à luz, reorganizando pelo caos uma parte da história latino-americana.

Com base nesse contexto é que analisamos *La pasión según Trelew*, dando ênfase à questão da autoria no testemunho, bem como à relação entre história, literatura e jornalismo, comum ao gênero em vista. Essa discussão considera alguns aspectos da biografia de Tomás Eloy Martínez, além de debater a fortuna crítica do *corpus* em estudo, a fim de inseri-la na poética de seu autor. Embora sejam contemplados fatos relevantes da vida do escritor, não fazemos uma análise biográfica; apenas utilizamos informações úteis à elaboração do trabalho, dentre outras, o exílio e a perseguição sofrida após a publicação do citado relato. Pautamos nossa análise nas experiências de vidas que resistiram à ditadura militar argentina na década de 1970, através da ação guerrilheira e de manifestações civis. Nesse conjunto, encontram-se tanto as pessoas apresentadas nas seções “*Personajes por orden de desaparición*” (p. 25-30), “*Personajes que reaparecieron*” (p. 31-32) e “*Personajes en desorden de aparición*” (p. 33-40) quanto Tomás Eloy Martínez, que se marca no relato testemunhal não só como sujeito produtor, mas também como narrador e testemunha.

Graduado em Literatura Espanhola e Latino-Americana pela Universidade Nacional de Tucumán e mestre em Literatura pela Universidade de Paris VII, devido a constantes perseguições políticas, o escritor argentino vive grande parte da vida no exílio. Nos Estados Unidos, atua como professor das universidades de Maryland e Rutgers. Além de docente, é roteirista, crítico de cinema e escritor, mas se consagrou com o jornalismo. Sua vivência do levante popular de Trelew em 1972 e a produção narrativa sobre tal fato e outros, a ele relacionados, destacaram-no entre os melhores jornalistas do país; em contrapartida,

transformaram-no em desafeto do regime ditatorial. Perseguido, exilou-se primeiro na Venezuela e só regressa à Argentina no final da década de 1980, quando já tinha se encerrado a assim denominada “guerra suja” (1976-1983), ou seja, o Processo de Reorganização Nacional, adotado em meio à ditadura, e marcado por assassinatos, desaparecimentos, pela tortura e pelo uso indiscriminado da violência.

Extraem-se alguns desses dados do parágrafo anterior da “Biografia”, localizada na última página (não numerada) de *La pasión según Trelew* que, junto aos capítulos desse livro e a outros componentes, formam seu paratexto. O estudo se articula à fortuna crítica acerca do relato testemunhal em grifo, pouca vasta, já que a maior parte dela se concentra em textos com os quais o autor ganha notoriedade e difusão, a exemplo daqueles relacionados ao peronismo, especialmente, seus romances *La novela de Perón* (1985) e *Santa Evita* (1995). Privilegiam-se ainda as entrevistas que, ao lado dos escritos já definidos, se associam tanto às próprias experiências de vida do escritor em relação à ditadura militar argentina quanto às das pessoas narradas no conjunto assim estabelecido. Esse hipertexto firma uma das relações transtextuais que, segundo Gérard Genette (2007), se realiza na confluência de um ou mais escritos (texto B) com um hipotexto (texto A) no qual se enxertam de maneira distinta à do comentário, o qual se caracteriza por unir um texto a outro texto que fala dele sem citá-lo ou, ainda sem lhe dar nome.

As informações contidas no paratexto que circunda a narrativa em análise e, por si, configuram também uma relação transtextual, tentam dar conta das lacunas do discurso oficial, colocando-se no presente dos conflitos ocorridos e recolhendo os discursos alternativos, fruto das lutas reivindicatórias e políticas. Através de tal procedimento, é possível situar os discursos que escapam à apreensão da literatura canônica e da história tradicional. Assim, a capa da edição publicada por Punto de lectura em 2007 traz uma fotografia, tirada por Diana D’Urbano, em que aparecem nove guerrilheiros (duas mulheres e sete homens) com as armas ao chão, rendidos no aeroporto de Trelew. O envoltório do texto testemunhal já oferece uma mostra da contrarrepresentação proposta, logo ao primeiro contato com os leitores, antes mesmo de o livro ser aberto.

Sobre as armas dispostas no chão, que aí aparecem, existe uma referência esclarecedora no corpo do relato testemunhal: como os

militantes haviam planejado uma rendição, caso a fuga não ocorresse conforme o designado, assim que perceberam a partida do avião, não tentaram nenhuma reação violenta contra os policiais que cercavam o aeroporto, e sim, baixaram as armas e chamaram representantes da sociedade civil para lhes assegurarem a integridade física. A imagem é revestida por uma atmosfera escura, realçada pelas letras em vermelho e branco que formam o título. O único foco de luz incide sobre a figura dos detidos, permitindo notar suas feições apreensivas, fato não menosprezável, a julgar pelas práticas da ditadura contra presos políticos que intentavam fugas, “recompensadas” com o fuzilamento.

Tomás Eloy Martínez havia tomado conhecimento da morte dos guerrilheiros em sua casa de Buenos Aires às cinco da manhã do dia 22 de agosto de 1972, através das mensagens enviadas por um funcionário da redação do magazine *Panorama*, conforme descrito no prólogo à edição de 1997 da narrativa testemunhal em análise (p. 14). Seu testemunho dá-se a partir de terceiros, contudo, ao perceber incongruências no discurso oficialmente difundido e impossibilitado de averiguar as informações devido ao adiantado da hora, decidiu escrever um texto para expor suas dúvidas sobre a versão oficial, acreditando que o regime se disporia a dirimir suas interrogações. Circulando na destacada revista, seu artigo destoava da versão oficial, divulgada por outros jornais.

Informações acerca do assassinato dos 16 guerrilheiros fugitivos e “de uma das rebeliões populares mais inflamadas e secretas da história argentina”<sup>2</sup> são trazidas na contracapa de *La pasión según Trelew*, que “narra a matança e a rebelião como uma mesma tragédia, unindo documentos e personagens em um relato magnífico”<sup>3</sup>. As expressões que constam na primeira dessas frases parecem recuperadas daquele prólogo à edição de 1997, no qual o escritor argentino declara:

Desde que me despediram da *Panorama* por difundir uma informação que oficialmente era falsa, tomei a decisão de ir a Trelew para averiguar se alguém sabia o que de fato aconteceu. Cheguei na segunda semana de outubro, em meio a uma das rebeliões mais inflamadas e secretas da Argentina (MARTÍNEZ, 1997, p. 16).<sup>4</sup>

2 [...] de una de las rebeliones populares más encendidas y secretas de la historia argentina.

3 [...] narra la matanza y la rebelión como una misma tragedia, uniendo documentos y personajes en un relato magnífico.

4 Desde que me despidieron de panorama por difundir una información que

Seu testemunho, nesse momento, passa a ser “*testis*”, isto é, o de alguém que presenciou a rebelião. Tal aspecto é confirmado no preâmbulo à edição de 1973 (p. 19-24) do livro em estudo, no qual Martínez já afirmava não ter acompanhado o referido fato e seus desenvolvimentos apenas como repórter. “Em outubro de 1972 fui testemunha de um levante popular com o qual os habitantes de Trelew responderam à prisão injusta de 16 cidadãos e à violação de centenas de casas na região” (p. 19).<sup>5</sup> Embora a narrativa se desenvolva predominantemente em terceira pessoa, é controlada pelo escritor, que viveu os acontecimentos, e muitas vezes se marca em primeira pessoa no texto desenvolvido por seu narrador, a exemplo do que ocorre na seguinte declaração encontrada em uma nota de rodapé:

45

Eu conheci Marcos Osantinsky em Tucumán. Via-o passar todos os dias pelo armazém de seu pai, na rua Monteagudo [...] quando crescemos, deixei de vê-lo [...] a última notícia que soube dele foi que o sequestraram quando um montonero chamado Fernando Haymal o delatou sob tortura [...] em Caracas, onde eu estava exilado correu a versão de que o haviam despelado vivo ( MARTÍNEZ, 2007, p. 71).<sup>6</sup>

Por intermédio da contracapa de *La pasión según Trelew*, sabe-se ainda da proibição da narrativa testemunhal e de sua incineração em uma unidade militar. No mesmo prefácio datado de 1997, o autor confirma esses dados:

Contei o episódio em um livro que apareceu ao final de 1973, editado por Granica, e que alcançou cinco edições antes de ser proibido por um decreto municipal em

---

*oficialmente era falsa, tomé la decisión de ir a Trelew para averiguar si alguien sabia lo que de veras había pasado. Llegué en la segunda semana de octubre, en medio de una de las rebeliones populares más encendidas y secretas de la historia argentina. Conté el episodio en un libro que apareció en fines de 1973.*

5 *En octubre de 1972 fui testigo del alzamiento popular con que los habitantes de Trelew respondieron al arresto de dieciséis ciudadanos y al allanamiento de centenas de casas en la región.*

6 *Yo conocí en Tucumán a Marcos Osantinsky. Lo veía todos los días a pasar por el almacén de su padre, en la calle Monteagudo [...] cuando crecimos, dejé de verlo [...] lo último que supe de él fue que lo arrestaron el 7 de agosto de 1975, cuando un motonero llamado Fernando Haymal lo delató bajo tortura [...] en Caracas, donde estaba exilado corrió la versión de que lo habían despellejado vivo.*

novembro. Mais de 200 exemplares foram queimados três anos depois na praça de um regimento de Córdoba em companhia de volumes escritos por Freud, Marx e Althusser, que ardiam melhor do que eles (MARTÍNEZ, 1997, p. 16).<sup>7</sup>

Muitos leitores viram-se obrigados a se livrarem das cópias que possuíam, de modo que as sucessivas edições, lançadas durante a redemocratização da Argentina, vêm ajudando a manter viva na memória das gerações seguintes uma parte da história subterrânea desse país. Assim, não se mostra gratuita a dedicatória (p. 09-10) de Tomás Eloy Martínez a seu amigo Osvaldo Soriano que, exilado na Europa imediatamente após o golpe de Estado de 1976, apenas regressa à Argentina em 1984, um ano após o fim da ditadura militar, vindo a falecer em 1997, devido a um câncer de pulmão. Também escritor e jornalista, vinculado à revista *Primera Plana* e colaborador da *Panorama*, foi Soriano a primeira pessoa a ler os manuscritos da obra testemunhal em questão.

Em sua epígrafe (p. 11), Martínez utiliza recurso semelhante, aludindo à estupefação que os episódios de Trelew provocaram, mesmo naqueles que vivenciaram os acontecimentos: “Houve muitas histórias como esta. Quem não tem coisas horríveis para contar? Quem não tem suas histórias? Mas ninguém soube o que dizer, ninguém soube o que fazer quando alguém contou a história” (p. 11).<sup>8</sup> Esse discurso pertence a Francisco Urondo, escritor argentino e militante montonero, que se suicidou em 1975 com um comprimido de cianureto durante perseguição policial.

Em razão da militância, Urondo possuía noção das práticas da ditadura contra seus prisioneiros, mas até ele se chocou com a história narrada por Martínez. Suas palavras revelam que nem sempre a relação entre evento e linguagem é recíproca; a narração é capaz de

7 *Conté el episodio en un libro que apareció a fines de agosto de 1973 editado por Granica, y que alcanzó cinco ediciones antes de que, en noviembre, fuera prohibido por un decreto municipal. Más de doscientos ejemplares fueron quemados tres años después en la plaza de un regimiento de Córdoba en compañía de volúmenes escritos por Freud, Marx y Althusser, que ardían mucho mejor.*

8 *Hubo muchas anécdotas como ésta. ¿Quién no tiene cosas horribles que contar? ¿Quien no tiene su historia? pero nadie supo qué decir, nadie supo qué hacer, cuando alguien contó la historia.*

revelar a crueldade imperceptível às testemunhas que, envolvidas com o desenrolar dos acontecimentos, deixam de apreender certas nuances. O narrador de ofício dispõe de tempo para agrupar os diferentes relatos, compará-los, estabelecer relações, selecionar as palavras e provocar a emoção desejada. Esse processo se torna mais intenso quando organiza o texto em linguagem subjetiva, não pretere do discurso literário, mas não se distancia do ideal de veracidade.

Os fatos ocorridos em Trelew estavam na memória de cada habitante da cidade, mesmo dos não assíduos ou ausentes às assembleias e manifestações. Narrar essas histórias não constituía tarefa difícil, inclusive, o próprio Martínez revelou que as mortes na base da Marinha, as violações dos domicílios, as prisões injustas e as manifestações populares eram assuntos constantes nas conversas do Vale do Chubut. O horror despertado por tais ações levava a outras emoções, como a indignação e o ódio contra o regime. No entanto, a epígrafe demonstra outro tipo de sentimento – a estupefação – diante do trauma que cala e da realidade que paralisa ao vir à tona.

Os eventos traumáticos assentavam-se na memória dos patagônicos, cada um sabia a seu modo contar parte dos acontecimentos, mas talvez poucos tivessem noção dos pormenores como os maus tratos na prisão, os requintes de crueldade aplicados durante o massacre, a ideologia que sustentava as práticas dos guerrilheiros ou as verdadeiras intenções do regime militar. Dessa forma, o testemunho projetava-se até o futuro possível para as culturas marcadas pela violência e a marginalização, haja vista seu caráter de documento que ilumina uma área relegada da sociedade; existe como contradiscurso, pois mediante a denúncia, busca reparação, em termo mais adequado, justiça.

Necessariamente, o gênero exige a narração de alguém que tenha passado pela experiência traumática, mas, às vezes, não possui os meios necessários para vincular seu discurso às instituições da cultura letrada. O papel de transcrevê-lo cabe a um jornalista ou a um antropólogo que, mesmo filtrando o discurso do porta-voz, promove sua passagem às esferas de poder. O indivíduo narrado transporta a comunidade para o cenário antes ocupado exclusivamente pelo discurso oficial. Embora se trate da fala de uma pessoa, esse alguém é exemplar, serve de referência aos integrantes daquela cultura; as vozes de outros subalternos ganham ressonância em sua narração.



Isso é visto nas análises de João Camillo Penna (2003, p. 300) como um modelo latino-americano de política identitária, promotor de uma forma de expressão ligada aos movimentos sociais e da irrupção de sujeitos de enunciação tradicionalmente apagados dos círculos acadêmicos, comerciais, midiáticos, políticos. No testemunho em análise, além do imbricamento entre as figuras do autor, narrador e escritor, igualmente inseparáveis são os discursos jornalístico e literário cuja confluência tipifica a poética de Martínez, o qual ratifica essa característica em entrevista concedida ao jornalista Carlos Rafael Hidalgo:

Comecei sendo escritor e logo me tornei jornalista. Só com o tempo compreendi que ambas as ocupações são vertentes de uma mesma coisa. A atitude que alguém narra é a mesma e a ferramenta, a linguagem, é a mesma. A diferença reside no leitor. No jornalismo, o jornalista tem que ser leal ao leitor e não enganá-lo [...] Na literatura, em troca, o escritor tem que ser fiel a si mesmo. Eu me desesperava para saber como conciliar esses dois tipos de fidelidade. Então encontrei uma forma de literatura na qual o central é ser fiel a mim mesmo, enquanto finjo ser fiel ao leitor, advertindo-o para que não confie em mim. (HIDALGO, 2001)<sup>9</sup>

A diferença estabelecida pelo escritor argentino em relação aos limites dos mencionados discursos situa-se no campo ético, pois o jornalista deve acercar-se ao máximo do fato a ser narrado, ao passo que o ficcionista não possui com seu público o mesmo compromisso. A fidelidade do primeiro aos acontecimentos reside no fato de sua fala vincular-se a alguma prova, a algum tipo de documentação, revestir-se do cunho de veracidade e não se dissociar de, pelo menos, uma versão da realidade. Ao contrário, o escritor de ficção não narra um fato, mas o representa; recria a história, as histórias de vida, o mundo real e a verdade no universo literário, a ser recebido pelo leitor como produto da imaginação. O texto jornalístico não se permite conceber nesse terreno,

9 *Empecé siendo escritor y luego fui periodista. Sólo con el tiempo comprendí que ambas ocupaciones son vertientes de una misma cosa. La actitud que uno narra es la misma y la herramienta, el lenguaje, es la misma. La diferencia reside en el lector. En el periodismo, el periodista tiene que ser leal al lector y no engañarlo [...] en la literatura, en cambio, el escritor tiene que ser fiel a sí mismo. Me desesperaba cómo hacer para conciliar esos dos tipos de fidelidades. Entonces encontré una forma de literatura en la cual lo central es ser fiel a mí mismo, mientras que finjo ser fiel al lector, advirtiéndole que no confie en mí.*

visto que aspira a uma interpretação denotativa da realidade, contudo não se deva cair no reducionismo e estabelecer uma diferença simplista entre literatura ficcional e jornalismo, pois se aquela não deixa de se ater a fatos reais, tampouco esse discurso se limita à narração objetiva.

A mescla entre tais discursos na escritura de Martínez aparece quando ele organiza o modo da narração e seleciona o que deve ser narrado, bem como ao não enganar o leitor nem dissimular a narrativa, perseguindo a veracidade dos fatos. Na visão do escritor, em jornalismo, a objetividade se configura um mito criado pelas grandes agências de notícias, pois a própria seleção das palavras já significa um ato de subjetividade. Desse modo, a separação entre literatura e não literatura consiste tão somente no modo de contar, ou seja, na maneira de o escritor fazer, ou não, o fato narrado adentrar o universo metafórico e a pluralidade semântica do espaço literário, conforme explica a jornalista Cinthia Palacios Goya:

Tomás Eloy Martínez considerou o jornalismo como um dos melhores gêneros literários que existem, o bom jornalismo deve ser entendido sempre como boa literatura [...] e além disso, não se deve mentir no jornalismo, o que se pode fazer em um romance, mas o jornalista que não pensa em seu leitor, não o reconhece nem sabe a quem está falando, está perdido; em compensação, o escritor que todo o tempo tem o leitor mente está perdido porque escreve para agradá-lo e se esquece de que a única fidelidade que deve ter é consigo mesmo.(GOYA, 1998, p. 1)<sup>10</sup>

Portanto, na produção de Martínez, a narração híbrida é um caráter distintivo que, percebido desde o primeiro romance, *Sagrado* (1969), não desapareceria em suas produções seguintes, tais como *Lugar común la muerte* (1979), *La novela de Perón* (1985) e *Santa Evita*

---

10 *Tomás Eloy Martínez consideró al periodismo como uno de los mejores géneros literarios que existen, hay que entender al buen periodismo siempre como buena literatura [...] y además de que no hay que mentir en el periodismo, lo que sí puede uno hacer en la novela, el periodista que no piensa en su lector, no lo reconoce, ni sabe a quién le está hablando, está perdido; en cambio, el escritor que tiene en la cabeza todo el tiempo a su lector está perdido porque escribe para halagarlo, y se le olvida que la única fidelidad que debe tenerse es hacia sí mismo.*

(1995). No entanto, *La pasión según Trelew* (1973) não se configura numa representação em linguagem jornalística, como o romance biográfico sobre a ex-primeira dama argentina: “o que fiz em *Santa Evita* foi inventar uma realidade que todos os argentinos já conheciam; imaginá-la e narrá-la em forma de jornalismo, de tal sorte que as pessoas agora creem que tudo que está naquele livro é verdade, ou não é” (MARTÍNEZ apud PALACIOS GOYA, 1998, p. 1).<sup>11</sup>

O relato testemunhal em estudo se vale da linguagem literária para narrar fatos e histórias de vidas reais; embora se utilize dos discursos biográfico, jornalístico, literário, da crônica e da prosa investigativa, não se enquadra em nenhum deles. Consistindo em literatura de testemunho, assinala sua independência em relação ao modelo mimético tradicional, validando o pensamento segundo o qual, no universo latino-americano, os significados exatos dos conceitos de pureza e unidade não se sustentam frente às implicações específicas desse espaço geográfico: “a América Latina institui seu lugar no mapa da civilização ocidental graças ao movimento de desvio da norma, ativo e destruidor que transfigura os elementos feitos e imutáveis que os europeus exportavam para o novo mundo” (SANTIAGO, 1978, p. 18).

As características composicionais e estilísticas do testemunho comprovam o desvio da norma europeia, o que entra em consonância com as considerações de Nietzsche (1887) sobre a transvaloração dos valores e o abalo à metafísica ocidental. O gênero busca categorias teóricas independentes da literatura ocidental, razão pela qual se associa às proposições marxianas (MARX, 1867) a respeito da quebra da ideologia burguesa e, por conseguinte, da moral dominante, pois os critérios morais nele explícitos destoam completamente dos preconizados pelas classes dirigentes. Essa distinção remete também a um diálogo com as formulações freudianas, principalmente às contidas no livro *Mal-estar na cultura* (FREUD, 1930), pois o *testimonio* seria um dos meios pelo qual as incongruências da sociedade ocidental são apresentadas, principalmente, a violência que sustenta seus valores.

Apesar de assim se revelarem como literatura de testemunho, nenhuma das histórias de vida expostas em *La pasión según Trelew*

11 *Lo que hice en Santa Evita fue inventar una realidad que todos los lectores argentinos conocían, imaginarla y narrarla en forma de periodismo, de tal suerte que la gente ahora cree que todo lo que está en ese libro es verdad o no lo es.*

escapa da narração pela ótica do discurso literário. Dessa forma, suas primeiras páginas expressam a posição subjetiva de Martínez: “Era uma dessas cidades na qual nunca passava nada: só o vento” (p. 39).<sup>12</sup> A hipérbole se acerca à polissemia típica da literatura, já que a expressão “nunca passava nada”, se interpretada *ipsis litteris*, pode dar a impressão de que o município fosse intransitável ou desabitado, quando na verdade o narrador se refere à sua tranquilidade e à distância em relação aos grandes centros urbanos. Ao acrescentar a expressão “só o vento”, reforça o procedimento hiperbólico e aumenta a polissemia do texto.

O escritor poderia se esforçar para atingir a objetividade, mas planta na cabeça dos leitores, de modo inegociável, a imagem que ele próprio tem da cidade. Ao preterir os termos denotativos, destila subjetividade ao texto, conforme a seguinte citação:

51

A paz era tão cotidiana como as chácaras do vale ou os currais de ovelhas. Não havia memória em Trelew de uma greve violenta, de uma manifestação popular, de uma vidraça quebrada. As convulsões de Córdoba, Rosario e Tucumán, em maio de 1969, teriam lhes parecido histórias de outro planeta (MARTÍNEZ, 2007, p. 41).<sup>13</sup>

Esse modo de narrar prossegue no primeiro capítulo, denominado “*Trelew*” (p. 39-46), em que o autor-narrador trata da cidade patagônica, quando aborda a chegada dos trabalhadores da indústria têxtil, os profissionais liberais que emigravam dos centros urbanos ou a vinda dos presos políticos para a região. Seu modo de escrita como não ficcional parece antevisto nas informações de cunho histórico-geográficas: que Trelew havia sido fundada por gauleses em 1865, se localiza a 20 quilômetros de Rawson, e é cortada pelo rio Chubut. Além disso, que até o final do século XIX era habitada apenas por 200 cidadãos; que, entre os anos de 1957 e 1972, a população cresceu de doze mil para 26 mil

12 *Era una de esas ciudades en las que nunca pasaba nada: sólo el viento.*

13 *La paz era tan cotidiana como las chacras del valle o los corrales de oveja. No había memoria en Trelew de una huelga violenta, de una manifestación popular, de una vidriera rota. Las convulsiones de Córdoba, Rosario y Tucumán, en mayo de 1969 les habían parecido historias de otro planeta.*

peças, atraídas pelas fábricas de tecido, e em 1971, o governo militar passou a manter presos políticos na penitenciária de Rawson.

Continua-se a observar o afastamento da ficção a favor das informações prestadas quando se analisa o segundo capítulo, intitulado “*Asalto a la ciudad*” (p. 47-66). A seção começa citando o jornal *El Chubut* de Trelew dos dias 13, 14 e 15 de outubro de 1972, com uma manchete sobre o fato de a cidade não ser mais zona de emergência, quer dizer, estar liberada dos patrulhamentos e abordagens militares. No entanto, a narração desse capítulo se centra no fato de o governo militar empreender de modo arbitrário revistas, prisões e interrogatórios a qualquer cidadão. Várias pessoas foram levadas debaixo de chuva em caminhões militares a um acampamento militar improvisado no aeroporto de Trelew e outros, até Buenos Aires, para serem interrogados no complexo penal de Villa Devoto. A ação militar começou às cinco e meia da manhã, tirando da cama até mesmo pessoas idosas e doentes:

Ao invadir a casa de Horácio Correa [...] um dos soldados ingressou no quarto da dona da casa e a intimou a levantar-se. A senhora disse que estava doente e não podia fazer isso. Até se desculpou. Foi então atirada ao chão enquanto outros soldados revistavam o colchão e o estripavam (MARTÍNEZ, 2007, p. 49).<sup>14</sup>

Essas informações frutificam da interpretação de um sujeito que não se isenta de marcar presença no texto e, ao selecionar e organizar o que vai ser contado, se afasta:

[...] do distanciamento necessário ao jornalista que busca a verdade dos fatos. O interlocutor, mais do que revelar a verdade da mentira, inclusive a verdade dos fatos, intercala sua voz e se coloca ao lado das vítimas. Ele se situa ao lado dos Outros para legar um testemunho de uma comunidade da qual se sente participe. Essa posição anula a voz neutra do observador. Tomando partido – do lado do povo – Martínez oferece uma leitura contra os fatos mascarados pelo discurso oficial (ZUFFI, 2007, p. 29).<sup>15</sup>

14 *Al allanar la casa de Horacio Correa [...] un soldado ingresó en la habitación de la dueña de casa y la intimó a que se levantara. La señora dijo que estaba enferma y no podía hacerlo. Hasta se disculpó. Fue entonces arrojada al suelo mientras otros soldados revisaban el colchón y lo destripaban.*

15 [...] *del distanciamiento necesario del periodista que busca la verdad de*

Ainda segundo o pensamento de María Griselda Zuffi (2007, p. 27), a subjetivação na forma de narrar não desacredita a escritura, mas a transforma em um instrumento de resistência, denúncia e verdade. Se toda objetividade é um mito, todo jornalista também é escritor, e acaba por tropeçar nas teias da subjetividade quando pretende sustentar qualquer ideia de verdade imparcial. Por isso, Martínez posiciona-se ao lado da sua verdade e constrói a narrativa à luz de sua convicção. Mediante uma escrita desconfiada das relações abstratas de verdade, história e poder, não esconde a própria rejeição ao regime ditatorial. As palavras que utiliza no quinto capítulo da narrativa em estudo evidenciam esse desprezo: “Trelew deixou de ser zona de emergência. [...], contudo, não se acabaram os padecimientos” (p. 47).<sup>16</sup>

Referindo-se aos comunicados enviados pelos militares à população, o sujeito marca-se outra vez no discurso que produz: “o comunicado número 2 era uma informação infundada, informava sobre a colaboração prestada pela população” (p. 48).<sup>17</sup> O termo “*infundio*” determina o nível de indignação do narrador e situa seu posicionamento: do lado das vítimas da ditadura. A subjetividade prossegue na narração: “[...] o povo era cálido e prudente, mas acusá-lo de colaboração passava dos limites” (p.48).<sup>18</sup> Nesse caso, não há qualquer tentativa de neutralidade, a justiça se faz pelo combate à injustiça. O narrador admite que o silenciamento da população local era tolerado devido ao sistema de repressão que operava na Argentina, mas não se constringe em desmenti-la.

O terceiro capítulo, “*Dos historias*” (p. 67-78), veicula posicionamento subjetivo na menção ao cárcere de Rawson: “localizado

---

*los hechos. El interlocutor más que revelar la verdad de la mentira, incluso la verdad de los hechos, intercala su voz y se sitúa del lado de las víctimas. Se ubica del lado de los Otros para dejar un testimonio de una comunidad en la cual se siente partícipe. Esta posición anula la voz “neutral” del observador. Tomando partido – del lado del pueblo – Martínez ofrece una lectura contra los hechos enmascarados del discurso oficial.*

16 *Trelew dejó de ser zona de emergencia [...] no han terminado, sin embargo, los padecimientos.*

17 *El comunicado 2 era un infundio. Informaba sobre la colaboración prestada por la población.*

18 *el pueblo era tibio y prudente, pero acusarlo de colaboración pasaba de la raya.*

a mil quilômetros de Buenos Aires constituía um castigo adicional para quem fosse para lá sem condenação ou processo algum como os detidos à disposição do poder executivo” (p. 67).<sup>19</sup> A objetividade pretendida pelo discurso jornalístico se esgota quando o narrador expressa sua opinião sobre a penitenciária e relata a arbitrariedade do governo militar argentino, ao enviar para a cadeia pessoas não submetidas a processo nem a julgamento algum. Martínez deixa transparecer que os detidos não mereciam condenação, pois lutavam por algo justo: democracia e liberdade. A narração mescla os discursos jornalístico, literário e biográfico até que o escritor trata de seu encontro com os detidos, das conversas travadas e dos embates ideológicos a respeito da guerra revolucionária.

No capítulo seguinte, “*La fuga*” (p. 79-88), seu narrador aborda o plano elaborado pelos guerrilheiros para fugir da prisão. A narrativa é tecida em terceira pessoa e baseada em testemunhos e observações. Martínez, que não era um dos guerrilheiros, acompanha os fatos aí narrados como observador e, assim, pôde descrever com riqueza de detalhes o comportamento dos guerrilheiros no último almoço antes da fuga; o que se passava em suas cabeças a cada instante daquele dia decisivo; a ideologia que motivava decisões, inclusive as drásticas e violentas; o medo sentido quando o plano começou a dar errado; a rendição ao perceberem o aeroporto cercado pelas forças armadas.

No quinto capítulo, “*Documentos sobre la fuga*” (p. 89-104), o narrador apresenta as entrevistas concedidas pelos guerrilheiros ainda no aeroporto de Trelew. A seção é marcada predominantemente pelo discurso jornalístico e pela não participação do narrador na exposição dos fatos, o que permanece no capítulo seguinte, “*La semana de vigília*” (p. 105-120). O sétimo capítulo, “*Ensayo general*” (p. 121-124), vale-se do mesmo procedimento, contemplando o episódio em que a fotógrafa Diana D’Urnabo presencia a matança a tiros de uma enorme quantidade de gatos por soldados. A narração apela à sensibilidade do leitor, principalmente quando demonstra a fragilidade dos felinos em relação às armas poderosas dos oficiais.

Esse capítulo nos conduz ao oitavo, intitulado “*El 22 de agosto*”

---

19 *Emplazada a mil kilómetros de Buenos Aires, constituía un castigo adicional para quienes iban allí sin que mediara condena o proceso alguno, como los detenidos a disposición del poder ejecutivo.*

(p. 125-150), dia do fuzilamento dos guerrilheiros na base Almirante Zar. A comparação é inevitável, já que, assim como os gatos, os detidos também não tiveram a menor chance de defesa:

Por volta das três e meia da madrugada, acordaram-nos aos pontapés na porta das celas [...] deram-nos ordem para baixar a vista e colocar o queixo sobre o peito [...] e mal baixamos os olhos senti então, quase de imediato, duas rajadas de metralhadora. Pensei em fração de segundos que se trataria de uma simulação com balas de festim. Vi Polti cair, ele estava de pé sobre a cela 9 a meu lado e, de modo quase instintivo, joguei-me para dentro da minha cela (MARTÍNEZ, 2007, p. 148).<sup>20</sup>

A narração do militante Alberto Camps toca os fios do espaço biográfico porque seu discurso não esbarra unicamente em sua história de vida, mas viabiliza o conhecimento das experiências biográficas tanto dos guerrilheiros mortos, no dia 22 de agosto, quanto dos militares que os executaram, e demais pessoas, partícipes dos eventos em Trelew. O testemunho de Camps desenha, por exemplo, a biografia do advogado Mario Abel Amaya que, naquele ano, negociou com os militares um tratamento mais humano aos detidos, sendo por isso perseguido e preso dois meses depois em uma investida do exército na cidade sulina.

Aspectos da biografia de Alfredo Kohon, Mario Delfino e José Mena são tecidos a partir do discurso do guerrilheiro. Essas três pessoas foram companheiras de cela de Amaya e vítimas do massacre ocorrido na base Almirante Zar. Na prisão, um oficial da marinha por sobrenome Bravo passa também a integrar as histórias de vida dos guerrilheiros. Na verdade, esse oficial figura nos relatos como o responsável direto por assassinar Mário Delfino e María Angélica Sabelli, bem como por atentar contra a vida de Alberto Camps e Maria Antonia Berger. Conta-se que ele circulava pelo pátio e, ao sentir o menor sinal de vital entre os guerrilheiros feridos, disparava a queima roupa. À ação praticada por Bravo, seguiu-se o socorro médico prestado pelos enfermeiros da

20 *Alrededor de las tres y media de la madrugada nos despertaron dando patadas sobre la puerta de las celdas [...] nos dieron el orden de bajar la vista y poner el mentón sobre el pecho [...] y apenas instantes desde que todos bajamos la mirada [...] sentí, entonces, casi de inmediato dos ráfagas de ametralladora. Pensé que fracción de segundos que se trataría de un simulacro con balas de fogueo. Vi caer a Polti que estaba de pie sobre la celda 9, a mi lado; y de modo casi instintivo me lancé dentro de mi propia celda.*



base militar de Puerto Belgrano, os quais também são contemplados na narrativa de Camps, que antes de adormecer, devido à administração de um sonífero, ainda pôde dar testemunho a respeito dos cadáveres de Astudillo e Haidar.

Breves exposições biográficas dos guerrilheiros são apreciadas nas seções paratextuais “*Personajes por orden de desaparición*” (p.25-30) e “*Personagens que reaparecieron*” (p. 31-32) Na primeira de tais seções, figuram os nomes de Carlos Astudillo, Rúben Bonet, Eduardo Capello, Mario Delfino, Alberto del Rey e de mais onze guerrilheiros. Na segunda, os nomes de Maria Antónia Berger, Alberto Camps e Ricardo Haidar, sobreviventes do massacre em Trelew. As informações sobre suas idades, grau de escolaridade, a época de ingresso na militância política e o ano de detenção assinalam sua importância em relação à história argentina dos anos 1970, bem como os inserem no espaço biográfico.

Os dados expostos na primeira seção mencionada permitem saber que Carlos Heriberto Astudillo possuía 28 anos, havia estudado medicina, ingressou no grupo guerrilheiro FAR<sup>21</sup> em 1970 e, nesse mesmo ano, caiu preso quando participava de um assalto a banco em Córdoba. Alfredo Elías Kohon, engenheiro, ingressou nas FAR em 1969, aplicou seus conhecimentos na construção da primeira oficina de armamentos do grupo; detido em 1970 durante assalto a uma agência bancária em Córdoba, foi torturado por dez dias. José Ricardo Mena, operário da construção civil, ingressou no ERP em 1970, nesse mesmo ano participou de um assalto a banco e foi detido. Ruben Pedro Bonet, 30 anos, o “índio”, filho de uma família muito modesta, ingressou no Partido Revolucionário dos trabalhadores em 1961, e Eduardo Adolfo Capello, 24 anos, estudante de Ciências econômicas na Universidade de Buenos Aires, em 16 de setembro de 1971, foi detido e torturado junto com 15 de seus companheiros (p. 25-26).

A segunda seção citada informa que Maria Antónia Berger tinha 30 anos de idade, era formada em sociologia e militante da organização

---

21 A sigla FAR refere-se às Forças Armadas Revolucionárias; ERP, ao Exército Revolucionário do Povo. Trata-se de organizações radicais de extrema esquerda, vinculadas à ideologia marxista, atuantes na Argentina desde o final dos anos 1960, que pretendiam por meio da guerrilha urbana restaurar a democracia no país. Depois de intensa repressão sofrida por grupos paramilitares anticomunistas, essas organizações tiveram muitas baixas, chegando à extinção ainda no final da década de 1970.

FAR em 1971 quando se produziu sua detenção. Durante a madrugada do dia 22 de agosto, na base da Marinha, ela foi alvejada com uma rajada de metralhadora e um tiro de pistola que lhe destroçou o maxilar. Esse destino é compartilhado por Camps, também militante das FAR, 24 anos, que escapou com vida do massacre mesmo após receber um tiro de pistola no estômago, e por Haidar, militante montonero, de 28 anos, engenheiro químico, detido em 1972, o qual recebeu um tiro no peito e também escapou com vida por esconder-se em sua cela imediatamente ao início dos disparos.

Os últimos capítulos do relato testemunhal, a saber, “*Las versiones oficiales*” (p. 151-170), “*Después de La matanza*” (p. 171-178), “*En estado de comuna*” (p. 179-194), “*Los días siguientes*” (p. 195-208) e “*Relato de Gustavo Peralta*” (p. 209-212) continuam a ser compostos pela mescla discursiva, enfatizando as histórias de vida das pessoas que combateram o regime militar argentino. Tais seções assinalam o momento em que Martínez divide o espaço narrativo com outras pessoas e outras experiências históricas, conforme descritas em “*Personajes por desorden de aparición*” (p. 31-32) como as vividas pela médica Célia Negrín, pelo professor Elvio Ángel Bel, pela fotógrafa Diana D’Urbano e pelo comerciante Kilito Justo.

Aos cientes do terrorismo de Estado, bem como aos combatentes do regime autoritário, não só Buenos Aires, mas toda a Argentina era um lugar inóspito. O governo perdeu a capacidade de garantir o bem-estar, as fissuras entre os grupos sociais tornavam-se evidentes, a justiça se constituía numa instituição inoperante e o diálogo, assim como a democracia, haviam desaparecido. A luta armada foi um caminho encontrado para restituir a democracia, mas o Estado respondia com um poder de fogo ainda maior e conseguia manter seu *status quo* propagando o horror. A sociedade amedrontada mantinha-se quieta e os planos do regime não se interrompiam.

Tomás Eloy Martínez, porém, narrou detalhes dessa atrocidade, colocando a própria vida em risco ao relatar uma versão da história que deveria ser silenciada. Após a divulgação de *La pasión según Trelew* em 1973, foi perseguido pela Triple A, organização paramilitar cujo objetivo consistia em assassinar qualquer pessoa considerada subversiva e precisou se retirar da Argentina. Nessa guerra suja, as edições de seu testemunho foram queimadas na praça de Córdoba e proibidas em todo

o território argentino, tornando-se temerário a qualquer cidadão possuía-las. Em outros termos, o Estado, mediante atitudes torpes, mantinha alijadas as ameaças físicas, nesse caso, representadas pelo escritor, e as discursivas, representadas pela narrativa.

Contudo, tanto durante quanto após os anos de silenciamento, o testemunho em estudo não somente evidencia uma versão da história censurada pelo regime, mas detalha as histórias de vida submetidas à tirania do Estado. Mediante um discurso parcial, o escritor descarta a pretendida neutralidade do discurso científico, optando pelo veio subjetivo para abordar a violência da ditadura argentina e suas consequências. Martínez narra as atrocidades do Estado repleto de subjetividade e eivado de opinião. Ademais, o narrador se marca a todo o momento no discurso, mas jamais possui a propriedade da narrativa, ao contrário, esse espaço é compartilhado entre as identidades articuladas. Não se deve pensar, todavia, que esse fato desacredite a narração, pois as histórias relatadas aconteceram com pessoas reais e, portanto, o discurso presente no testemunho nomeado como *La pasión según Trelew* pretende expressar alguma verdade, isto é, se apresentar como instrumento necessário para propor narrações alternativas à história oficial.

**BIBLIOGRAFIA**

FREUD, Sigmund. *O mal-estar na cultura* [1930]. Trad. Renato Zwick, revisão técnica e prefácio de Márcio Selligman-Silva; ensaio bibliográfico de Paulo Endo e Edson Souza. Porto Alegre: L & PM, 2010 (Coleção L&PM Pocket, v. 850).

GENETTE, Gérard. *Palimpsestos*. Madrid: Altea; Taurus; Alfaguara, 2007.

HIDALGO, Carlos Rafael. El periodista tiene que ser leal al lector. *Símbolos de Libertad*, Quito, oct. 2001. Disponível em: <[http://www.bdp.org.ar/facultad/postitulos/per/archivos/2006/04/el\\_periodista\\_t.php](http://www.bdp.org.ar/facultad/postitulos/per/archivos/2006/04/el_periodista_t.php)>. Acesso em: 09 jun. 2012.

MARTINEZ, Tomás Eloy. *La pasión según Trelew*. Buenos Aires: Punto de Lectura, 2007.

MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. [1867]. Trad. Reginaldo Sant'anna. 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.

NIETZSCHE, Friedrich [1887]. *Genealogia da moral*. 2. ed. São Paulo: Escala. [s/d].

PALACIOS GOYA, Cynthia. Tomás Eloy Martínez se aleja del mundo peronista. *El Universal*, México, p. 1, dic. 1998.

PENNA, Camilo. Esta dor, este corpo, esta fome: notas sobre o testemunho hispanoamericano. In: SELLIGMANN-SILVA, 2003, p. 297-350.

SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

SELLIGMANN-SILVA, Márcio. *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

ZUFFI, María Griselda. *Demasiado real: los excesos de la historia en la escritura de Tomás Eloy Martínez (1973-1995)*. Buenos Aires: Corregidor, 2007.